

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a)
autor(a), o texto completo desta
tese será disponibilizado
somente a partir de 05/09/2024.

RUTH TAINÁ APARECIDA PIVETA

NAS DOBRAS DO CORPO, OUTROS MUNDOS FUTUROS PARA AGORA:
poéticas-estéticas de visibilização e afirmação das corporalidades gordas

ASSIS

2023

RUTH TAINÁ APARECIDA PIVETA

NAS DOBRAS DO CORPO, OUTROS MUNDOS FUTUROS PARA AGORA:
poéticas-estéticas de visibilização e afirmação das corporalidades gordas

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de doutora em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientador: Leonardo Lemos de Souza

ASSIS
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

P693n Piveta, Ruth Tainá Aparecida
Nas dobras do corpo, outros mundos futuros para agora:
poéticas-estéticas de visibilização e afirmação das
corporalidades gordas / Ruth Tainá Aparecida Piveta.
— Assis, 2023
252 p. : il.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Prof. Dr. Leonardo Lemos de Souza

1. Psicologia social. 2. Subjetividade. 3. Corpos.
4. Arte. 5. Gênero. I. Título.

CDD 301.1

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE RUTH TAINÁ APARECIDA PIVETA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 05 dias do mês de setembro do ano de 2023, às 08:30 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de RUTH TAINÁ APARECIDA PIVETA, intitulada **NAS DOBRAS DO CORPO, OUTROS MUNDOS FUTUROS PARA AGORA: poéticas-estéticas de visibilização e afirmação das corporalidades gordas**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. LEONARDO LEMOS DE SOUZA (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento Psicologia Social / UNESP/FCL - Assis/SP, Profa. Dra. DOLORES CRISTINA GOMES GALINDO (Participação Virtual) do(a) Programa de Pós-graduação em Psicologia / UNESP/FCL - Assis/SP, Profa. Dra. ROBERTA STUBS PARPINELLI (Participação Virtual) do(a) UEM - Maringá/PR, Profa. Dra. LUCIANA DE FATIMA ROCHA PEREIRA DE LYRA (Participação Virtual) do(a) UERJ - Rio de Janeiro/RJ, Profa. Dra. SONIA REGINA VARGAS MANSANO (Participação Virtual) do(a) UEL - Londrina/PR. Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Documento assinado digitalmente

LEONARDO LEMOS DE SOUZA

Data: 05/09/2023 12:09:59-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. LEONARDO LEMOS DE SOUZA

*À todas as pessoas que, cotidianamente, produzem, com suas
vidas, mundos que acolhem as diferenças*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador e amigo Leonardo Lemos de Souza, pelo apoio, companhia, orientação e parceria ao longo desses anos.

À Marisela Montenegro Martínez por acompanhar, com interesse e cuidado, minha pesquisa durante o período de doutorado sanduíche na Universitat Autònoma de Barcelona.

À banca de defesa desta tese composta pelas pessoas titulares: Dolores Galindo, Roberta Stubs, Sonia Regina Vargas Mansano e Luciana Lyra e pelas pessoas suplentes: Rafaela Vasconcelos e Rafael Siqueira de Guimarães, pela disponibilidade, leitura atenta, contribuições e trocas potentes.

À Fernanda Magalhães e Camila Fontenele, pela disponibilidade em compor comigo esta pesquisa, pelas trocas afetivas e por me permitirem acolher a raridade e preciosidade de suas histórias e produções artísticas.

À Prefeitura Municipal de Londrina e Secretaria Municipal de Assistência Social, pelo apoio na concessão de afastamento para estudos e pela confiança no trabalho executado, e às pessoas queridas e admiráveis que constroem cotidiana e coletivamente um trabalho ético e político no campo das políticas públicas, e que acompanharam essa jornada.

Agradeço à minha companheira de vida e aventuras, Dione Vanzo, por me acompanhar nesse processo desde o início, com carinho, cuidado e alegria, me ensinando leveza e confiança.

À Fabiane Muzardo (Lurde), por todas as trocas, conversas, leituras e companhia durante esses anos, me ajudando a encontrar caminhos possíveis nessa aventura de pesquisar.

À Talita Machado Vieira, Danielly Mezzari e Herbert Proença por me inspirarem e me fazer acreditar na construção da ciência pela amizade.

À Karen Debertolis, mulher das palavras, que me ensina a artesanaria de produzir uma vida com poesia

Às pessoas queridas, presentes da Pós-Graduação, parceiras dos perrengues, Daniele Fébole, Anahí Marfinati, Laura Mantelatto, Carolina Heguedusch, Ronaldo Alves.

Às amigas e família escolhida, por todo apoio e paciência nas minhas ausências, Danielly Sarzi, Nayara Gluck, Fernanda Capelli, Tayla Mancinni, Flavia

Carvalhaes, Arielle Sversut, Luciana Daefiol, Francislaine Santos, Mariana Borges, Luciana Alonso, Isabela Figueiredo.

À Jorge Lucero, Barbara Pili, Claudia Morlando, Lorena García, Estefanía López-Cepero, Rogerio Arruda, pela acolhida e por se tornarem família, em terras espanholas e em meu coração. Aqui os tenho, afinal, *las fronteras son ficciones*.

À Secretaria de Pós-graduação, pelo apoio e pelas orientações prestadas ao longo desses anos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

No queremos modificarnos o que nos acepten por “lo que somos por dentro”, ni auto-torturarnos con dietas y ejercicios extremos, queremos que los deseos se desaprendan y que nuestro cuerpo se transforme en potencia de deseo por el simple hecho de ser cuerpo.

Hablamos para las gordas que aún se encuentran en el espacio del silencio, de la vergüenza, de la burla...

Les invitamos no a salir del closet de las tallas, sino que a destruirlo... El espejo no es un reflejo de la realidad, lo que vemos en él no es más que una construcción social necesaria de reconstruir.

Sacamos las garras, aullamos como lobas y salimos de espacio del silencio.

HOY GORDE AYER PUTA MAÑANA LOBO

(Missogina & Samuel Hidalgo - Manifiesto Gordx, 2014)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as relações entre corpo, arte e processos de subjetivação, bem como formas poéticas-estéticas de visibilização e afirmação das corporalidades gordas. Busca contribuir com a produção de saberes e estudos gordos, trazendo como elemento problematizador dessa costura teórico-metodológica uma análise das trajetórias de vida e obra de Camila Fontenele e Fernanda Magalhães, mulheres artistas gordas brasileiras, em sua relação com as suas produções artísticas. Os capítulos são compostos por discussões teóricas alinhavadas com intervenções denominadas epistêmico-poéticas, bem como por trechos das conversas realizadas com as artistas e algumas de suas obras na intenção de explorar outras maneiras de dizer e fazer ciência que nos interessam desde uma política-estética da escrita neste trabalho, assumindo certo lugar de artesanaria científica. Compreende-se o corpo como conceito articulador central nesta pesquisa, tendo em vista que tomá-lo como questão nos permite interrogar e problematizar elementos que conformam os processos de subjetivação em determinadas condições de possibilidade, construídas e legitimadas a partir de técnicas e práticas das quais o corpo se torna objeto nas tramas das relações de poder. Neste sentido, buscou-se investigar, a partir do campo das experimentações artísticas e suas intersecções, outros modos de produzir saberes, práticas e modos de vida, que desloquem relações habituais com as quais pensamos o corpo em nossos tempos, e que modifiquem, como efeito, as tecnologias do olhar para os corpos gordos, apostando no campo das práticas artísticas como espaço possível de ampliação das possibilidades de invenção de novos territórios existenciais e de vivência das corporalidades, nas quais as diferenças sejam passíveis de existência e experimentação.

Palavras-chave: Psicologia social; Subjetividade; Corpos; Arte; Gênero.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo analizar las relaciones entre el cuerpo, el arte y los procesos de subjetivación, así como las formas poético-estéticas de visibilización y afirmación de las corporalidades gordas. Busca contribuir a la producción de conocimientos y estudios sobre la gordura, trayendo como elemento problematizador de esa costura teórico-metodológica un análisis de las trayectorias de vida y obra de Camila Fontenele y Fernanda Magalhães, gordas artistas brasileñas, en su relación con sus producciones. Los capítulos se componen de discusiones teóricas hilvanadas con intervenciones denominadas epistémico-poéticas, así como extractos de conversaciones con las artistas y algunas de sus obras con la intención de explorar otras formas de decir y hacer ciencia que nos interesan desde una política-estética de la escrita, asumiendo un cierto lugar de artesanía científica. El cuerpo es entendido como un concepto articulador central en esta investigación, considerando que tomarlo como interrogante permite cuestionar y problematizar elementos que integran los procesos de subjetivación en determinadas condiciones de posibilidad, construidos y legitimados desde técnicas y prácticas por las cuales el cuerpo es convertido en objeto en las tramas de las relaciones de poder. En este sentido, cuestionamos, desde el campo de la experimentación artística y sus cruces, otras maneras de producir saberes, prácticas y modos de vida, que desplazan las relaciones habituales con las que pensamos el cuerpo en nuestro tiempo, y que modifican, como efecto, las tecnologías de mirar los cuerpos gordos, apostando por el campo de las prácticas artísticas como posible espacio de ampliación de las posibilidades de inventar nuevos territorios existenciales y de experimentar corporalidades, en las que las diferencias son objeto de existencia y experimentación.

Palabras llave: Psicología social; Subjetividad; Cuerpos; Arte; Género.

ABSTRACT

This research aims to analyze the relationships among body, art and processes of subjectivation, as well as poetic-aesthetic forms of visibility and affirmation of fat corporealities. The research also seeks to contribute to the production of knowledge and studies related to the fat body. As an element of problematization, the author has analyzed the theoretical-methodological interconnection in the life and work journey of Camila Fontenele and Fernanda Magalhães, Brazilian fat women artists, and their relationship with their own artistic productions. The chapters are composed of theoretical discussions coupled with interventions called epistemic-poetic, some of their artwork, as well as excerpts from conversations with the artists. The author's intention was to explore alternative ways of saying and doing science that interest us from a political-aesthetic written production, assuming a certain place of scientific art. The body is understood as a central articulating concept in this research, since adopting it as such, allows us to interrogate and problematize elements that match the subjectivation processes in certain conditions of possibility. Those conditions are constructed and legitimized from techniques and practices from which the body becomes an object in the power relationships plots. In view of this, we sought to investigate, in the field of artistic experimentation and their intersections, other ways of producing knowledge, practices and ways of life, which disarticulate the currently typical relationships established with our body, and which consequently modify the technologies of looking at fat bodies. Thus, we bet on the field of artistic practices as a promising space for expanding the possibilities of inventing new existential territories and experiencing corporealities, where differences are subject to existence and experimentation.

Keywords: Social Psychology; Subjectivity; Bodies; Art; Gender.

Lista de figuras

Figura 1 – Memes mulheres gordas.....	p.21
Figura 2 – Corpos estigma.....	p. 22
Figura 3- Calendário, Foto por Jorge Dib, 2016.....	p.26
Figura 4 – Projeto 1103, Foto por Lírica Aragão, 2018.....	p.27
Figura 5 - A Natureza da Vida, Jardin du Luxembourg, Paris, 2011 por Graziela Diez.....	p.30
Figura 6 - autorretrato, Camila Fontenele, 2020.....	p.31
Figura 7 - Coletivo nascendo, Foto por Fernanda Magalhães, 2019.....	p.43
Figura 8 - Corpo-galho. Foto por Fernanda Magalhães, 2019.....	p.43
Figura 9 -Pinhole, 16 minutos, 2019. Foto por Fernanda Magalhães.....	p.44
Figura 10 - Eu, Baleia, 2018. Foto de Camila Fontenele.....	p.46
Figura 11 - Camila Fontenele, Deitar dentro do próprio sonho, 2021.....	p.52
Figura 12 - Fernanda Magalhães, A Natureza da Vida, Mar Negro, Anapa, Krai de Krasnodar, Rússia, 2011. Fotografia de Tanya Vasilyeva.....	p.52
Figura 13 - Classificações Científicas da Obesidade, Fernanda Magalhães, 2000.....	p.64
Figura 14 – O Mistério dentro do mistério, Camila Fontenele, 2021.....	p.78
Figura 15 - Sarah “Saartjie” Baartman.....	p.84
Figura 16 - Descanso na cama / Parcelada em 12x no cartão sem juros, Camila Fontenele, 2020.....	p. 94
Figura 17 - Girar (um corpo) em torno de si mesmo, Camila Fontenele, 2020.....	p.95
Figura 18 - A Natureza da Vida, Fernanda Magalhães - YVY Mulheres da Imagem, Tiradentes, MG, Brasil, 2017. Foto de Sara Gehren.....	p.98
Figura 19 - Recorte de Eu, Baleia.....	p.98
Figura 20 - Laura Aguilar, Nature Self-Portrait #12, 1996.....	p.99
Figura 21 – Recorte de Eu, Baleia – Descanso do mar.....	p.99

Figura 22 – Laura Aguilar, Center 94, 2000.....	p.100
Figura 23 - Eu sumo daqui para existir em outro lugar 1, Camila Fontenele, 2020-2021.....	p.101
Figura 24 – Vulcão, Camila Fontenele.....	p.102
Figura 25 – Gorda 25, Fernanda Magalhães.....	p.103
Figura 26 – Camuflagem para descanso 2, Camila Fontenele.....	p.104
Figura 27 - Quando tudo deixa de ter esses nomes, quando nada mais me separa, Camila Fontenele, 2020.....	p.104
Figura 28 – Eu sumo daqui para existir em outro lugar 2, Camila Fontenele, 2020-2021.....	p.105
Figura 29 – Laura Aguilar, Stilness 18, 1996.....	p.106
Figura 30 – Gorda 13, Fernanda Magalhães.....	p.107
Figura 31 – Performance Grassa Crua, Fernanda Magalhães - Foto de Tainá Bernard.....	p.108
Figura 32 – Ave de la obscuridad - Fotografia Mario Patiño.....	p.109
Figura 33 – Fernanda Magalhães, A Natureza da Vida, Praia do Cassino, Rio Grande, RS, Brasil, 2015. Fotografia de Cláudia Paim.....	p.110
Figura 34 – Fernanda Magalhães, A Natureza da Vida, Silo, Londrina, 2013 por Graziela Diez.....	p.111
Figura 35 – Gorda 3, Fernanda Magalhães.....	p.112
Figura 36 – Travessia para chegar em um lugar que ainda não tem nome 1, Camila Fontenele.....	p.113
Figura 37 – Travessia para chegar em um lugar que ainda não tem nome 1, Camila Fontenele.....	p.113
Figura 38 - Camila Fontenele, Vulcão não morre / Vira outra coisa que as pessoas não entendem - N.2, 2020.....	p.114
Figura 39 - Corpo Re-construção ação ritual performance, Fernanda Magalhães.....	p.118

Figura 40 – Oito de Setembro de 2022.....	p.130
Figura 41 - A representação da mulher gorda nua na fotografia: Gorda 13, Gorda 12 e Gorda 26, Fernanda Magalhães.....	p.131
Figura 42 - Gorda 9, Fernanda Magalhães.....	p.133
Figura 43 - Autorretrato Quatro seios em alto mar, Camila Fontenele, 2020.....	p.134
Figura 44 - Recortes de Eu, Baleia.....	p.137
Figura 45 - Camuflagem para descansos, Camila Fontenele.....	p.139
Figura 46 - Fernanda Magalhães, A Natureza da Vida, Bosque Central, Londrina, PR, Brasil, 2011. Fotografia de Graziela Diez.....	p.142
Figura 47 - Grassa Crua, Fernanda Magalhães, 2017. Foto por Mariana Guerron.....	p.147
Figura 48 - Performance Grassa Crua, de Fernanda Magalhães. Espaço Cultural Armazém – Coletivo Elza, 2019. Foto: Tainá Bernard.....	p.147
Figura 49- Grassa Crua em Florianópolis, 2019. Foto de Tainá Bernardi	

SUMÁRIO

Introdução	15
Capítulo 1 – Desaprender os códigos	32
1.1 Dar passagem aos fluxos, cartografar trajetórias, costurar as linhas	40
Capítulo 2 - Dimensões e atravessamentos histórico-políticos da produção das corporeidades.....	53
2.1 A gordura na história.....	65
2.2 - Corpo gordo, corpo interseccional	78
2.3 Normatização dos corpos e seus efeitos, narrativas de um corpo que endurece para sobreviver	86
Capítulo 3 – Perder o medo de pesar	97
Capítulo 4 - Viver como quem transborda: costuras entre arte e vida.....	114
3.1 O inevitável encontro - corpo, artes e vida.....	117
3.2 Recodificar o gosto: mulheres gordas fazendo arte.....	125
<i>Notas para engordurar a ciência</i>	152
Sonhar com um mundo que não encolha: uma tese pode ser vida em expansão?.....	153
Referências Bibliográficas	157
Apêndice 1 – Transcrições de Conversas com Camila Fontenele e Fernanda Magalhães.....	165

Introdução

É a curiosidade — em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. (FOUCAULT, 2006, p.12).

Esta pesquisa toma como questão o corpo, mais especificamente, os corpos gordos, e tem como objetivo analisar as formas poéticas-estéticas de visibilização e afirmação das diferenças e dissidências corporais produzidas a partir da experimentação artística. Neste sentido, objetivamos investigar, a partir das trajetórias de mulheres artistas gordas brasileiras em sua relação com as suas produções artísticas, as relações entre arte, corpo e processos de subjetivação. Buscaremos mapear, a partir dessa pesquisa, possibilidades de resistência às lógicas hegemônicas do olhar e das intervenções sobre os corpos na contemporaneidade que vêm sendo produzidas a partir da experimentação e produção artística.

Compreendemos o corpo aqui desde uma perspectiva histórico-política, tomando como premissa que ele é condição para o ser no mundo. Existe uma materialidade por meio da qual experimentamos o mundo, e que nos permite afirmar que a existência sempre será corporal. O corpo produz sentidos, visualidades, intensidades, nos inserindo cultural e socialmente (BRETON, 2006).

Tomar o corpo como questão, portanto, é também interrogar e problematizar elementos que conformam os processos de subjetivação em determinadas condições de possibilidade, construídas e legitimadas por aspectos discursivos que se constroem social e historicamente, a partir de técnicas e práticas das quais o corpo se torna objeto nas tramas das relações de poder.

Em que pese a relação do corpo com a gordura, nesta pesquisa, temos como objetivo interrogar os corpos gordos desde a perspectiva de quais forças e potências os compõem, no tensionamento e na resistência frente a um mundo que vai se configurando como gordofóbico, preconceituoso, ergonomicamente desconfortável e

excludente. Mundo que, a partir de uma série de relações históricas, costuradas por dimensões políticas, morais, científicas, se apresenta esteticamente organizado pelo signo da magreza-beleza-saúde em contraponto à gordura-feiura-doença, tendo como efeito a proliferação, na contemporaneidade, da estigmatização da gordura e, conseqüentemente, das pessoas qualificadas e classificadas como gordas e, portanto, julgadas como fracassadas na conquista de um corpo aceitável (SANT'ANNA, 1995; CONTRERA; CUELLO, 2016). Estas, por não se enquadrarem nos tamanhos corporais ditados pelos índices de medição e avaliação corporal, são categorizadas, classificadas e lidas individualmente por seu fracasso social, por seu desleixo e sua falta de autocuidado. Numa época fortemente marcada pelos imperativos da exibição de uma determinada imagem de si, os corpos gordos são moralmente julgados por sua excedência, por sua incapacidade de autocontrole e gestão de si (SIBILIA, 2004).

Se por um lado vemos a ampliação de enunciados vinculados à essa lógica apresentada, na atualidade emergem também forças sociais que vão se colocar num movimento contrário a esse processo, e nomear essas violências específicas que são cometidas em relação a pessoas gordas, como é o caso da emergência da noção de gordofobia.

A gordofobia, algumas vezes também denominada gordo-ódio, é um termo que enuncia as expressões de ódio, preconceito e discriminação frente a corpos que não se encaixam em padrões normativos relacionados ao peso corporal (CASTILLO, 2014). Trata-se de um tipo de discriminação profundamente complexo e naturalizado, pautado por uma visão pesocentrista (MANCUSO et al, 2021), que se expressa de distintas maneiras: nas relações médicas nas quais qualquer queixa que a pessoa apresente é tomada como efeito de seu peso corporal, nas relações escolares e no *bullying*, nas publicidades, mídias, filmes, relações amorosas e afetivo-sexuais, entre outras expressões que, por sua vez, estão matizadas pela intersecção também com outros marcadores sociais.

A palavra gordofobia advém da expressão na língua inglesa *fatphobia*, que vai começar a circular a partir de uma pesquisa realizada em Minnesota (EUA), na década de 1980. No entanto, no campo do ativismo, a noção de ativismo gordo começa a se articular na década de 1960, nos Estados Unidos, a partir de uma aproximação de grupos feministas a este debate. Nesta época, surge o grupo NAAFA (Associação

Nacional para a Promoção da Aceitação da Gordura), o qual luta pelos direitos civis das pessoas gordas.

Outro grupo importante surge em 1973, também nos Estados Unidos: o coletivo *The Underground Fat*, formado por um grupo de mulheres, em sua maioria lésbicas, que vai discutir e analisar, desde uma perspectiva feminista, a questão da diferença e da necessidade de pensar um mundo e uma sociedade que se adaptem às diferenças, e não que as pessoas devam adaptar-se ao mundo. Deste grupo, interessa apontar o “Fat manifesto”¹, produzido por Sara Fishman e Judy Freespirit, que circulou em muitas revistas feministas na década de 1970.

Em que pese a relação do ativismo gordo com o feminismo, Simic (2015) vai afirmar que as histórias do feminismo têm uma tendência à ignorar ou marginalizar o ativismo gordo e suas contribuições. Afirma a autora que o ativismo gordo pode ser localizado na segunda e terceira ondas do feminismo, em seu início aproximado das discussões da libertação das mulheres, do feminismo radical e do feminismo lésbico. Vale ressaltar que, embora se possa localizar a pauta dos corpos gordos nas discussões feministas, não se trata de uma relação linear, pacífica e dada *a priori*, mas sim de uma relação pautada em momentos de convergência e interação, com um caminho longo a ser percorrido.

A partir do trabalho de Simic (2015), observa-se que o feminismo gordo vai surgindo enquanto um espaço de análise radical da opressão contra corpos gordos, intimamente conectado com as pautas das lutas sociais frente ao classismo, racismo, sexismo, etarismo, imperialismo e afins. Dessa maneira, nos interessa a discussão, para fortalecer a noção de que falar sobre corpos gordos, sobre a despatologização da gordura, implica em questionar as lógicas sociais impostas, em nome da luta pela afirmação da diferença.

Mais especificamente no caso da América Latina, nas duas últimas décadas começam a se articular outras vozes, desde a perspectiva de criação de outros olhares e articulação de ativismos gordos, que acolhem o desafio de postular um feminismo gordo *sudaka*, que interrogue as produções normativas sobre os corpos em nossas terras e as produções de corporalidades atravessadas pela colonialidade. No Brasil, ao longo dos últimos cinco anos, esta discussão tem aparecido de maneira mais contundente, articulada também à produção acadêmica de mulheres gordas que,

¹ Disponível em <https://ravishly.com/take-cake-revisiting-fat-liberation-manifesto-46-years-later>

desde essa localização, tem produzido debates importantes, pautados na necessidade da despatologização da gordura, na acessibilidade e nos direitos sociais das pessoas gordas.

Vale ressaltar que no campo das artes no Brasil, o trabalho da artista visual Fernanda Magalhães já na década de 1990 começava a trazer a discussão dos corpos gordos de mulheres em suas produções, trabalho este que trataremos para discussão neste trabalho.

Apesar e a partir das violências experienciadas pelas pessoas classificadas como gordas em nossa sociedade, nesta pesquisa, propomos interrogar o corpo gordo não a partir dos signos de incapacidade, fraqueza e fracasso com o qual é comumente adjetivado, mas sim desde aquilo que ele é capaz, de suas belezas e possibilidades, mapeando quais caminhos possíveis vem sendo inventados na busca de romper com as lógicas dietéticas e estéticas (PRADO FILHO; TRISOTTO, 2008) que colonizam os corpos e anulam as possibilidades de diferença, produzindo lógicas de uma monocultura da vida. Tomamos os corpos gordos como corpos dissidentes (MASSON, 2016), em sua possibilidade de se configurarem enquanto corporalidades insurgentes, e em suas possibilidades de resistência frente aos imperialismos do corpo organizado desde o eu, a identidade e o sujeito (DIAZ, 2017).

Nesta perspectiva, talvez se trate de buscar responder, a partir do campo artístico, a questão sobre de que modo é possível produzir saberes, práticas e modos de vida que modifiquem as relações habituais com as quais pensamos o corpo em nossos tempos, e que modifiquem, como efeito, as tecnologias do olhar para os corpos gordos.

Para isso, apostamos no campo das práticas artísticas como espaço possível de ampliação das possibilidades de invenção de novos territórios existenciais, frente às organizações imperialistas e institucionalizadas das corporalidades e subjetividades desde as armadilhas da colonialidade capitalista. (DIAZ, 2017). Trata-se da implicação na produção do que Laura Contrero e Nicollas Cuello vão chamar de “saberes gordos” (2016, p. 16), compreendidos enquanto uma postura tomada frente à sistemática violência epistemológica com a qual se tem silenciado as vozes de pessoas gordas, com a qual se tem estudado seus corpos e com a qual continuam patologizando tais existências.

A escolha pela investigação das potências de tais corpos desde a produção artística tem ainda como objetivo problematizar, a partir do campo da psicologia, quais as relações possíveis entre o campo artístico e os processos de subjetivação, compreendendo que a arte, enquanto campo de enunciação e de produção social, consiste em um dos elementos que compõem esses processos. Ademais, articular corpo e arte nesse contexto se ancora na compreensão de que o corpo está amplamente presente na produção artística (REIS, 2010), de objeto a território artístico, principalmente após as transformações no campo da arte a partir da década de 1970, com a implosão de *happenings* e performances, que promovem uma virada do corpo representado para o corpo performático, protagonista da experiência, questionando a lógica masculina/patriarcal/hegemônica de ocultação e objetificação de certos corpos ao longo da história (JONES, 2006).

Isso implica, portanto, em tomar a experimentação artística enquanto espaço de produção social, bem como enquanto dimensão ética, estética e política da existência, podendo se configurar como espaço de possibilidade de resistência e criação de outros mundos possíveis.

Neste sentido, a proposição de uma pesquisa que interroge processos de produção artística a partir de corpos gordos implica em buscar as articulações possíveis desses campos à possibilidade de invenção de lugares, visibilidades, narrativas e saberes outros no que se refere ao campo da produção dos processos de subjetivação, compreendendo que é nos corpos que tais possibilidades se encarnam, e que são os “corpos que carregam debates sobre as produções, metodologias e os meios que constroem os trabalhos. Sons, imagens, danças, palavras, murmúrios e gestos, corpos híbridos que experimentam, inventam, reconectam e desterritorializam” (MAGALHÃES, 2017, p. 7). Implica em buscar possibilidades de engordurar a ciência em tempos tão assépticos.

A ideia de pensar o corpo nesta pesquisa se apoia em diversos questionamentos que foram se produzindo ao longo de uma trajetória de vida, como mulher gorda, psicóloga social, pesquisadora. De questionamentos quanto ao lugar da dimensão da corporeidade nas práticas e saberes psi a questionamentos desde os sofrimentos vivenciados por não possuir um corpo considerado padrão para os modelos estabelecidos, de forma geral, no tecido social. A respeito da importância de nomear-se como mulher gorda, Lucrecia Masson (2016) vai afirmar que se trata de

estratégia importante, como tática de visibilização e afirmação. Assim, assumo a estratégia e a tática, nomeando-me: mulher, psicóloga, pesquisadora GORDA, em nome também de um enfrentamento ao apagamento dos corpos de quem produz as pesquisas, de quem nos propõe conceitos. Pesquisamos com nossos corpos, não somente com nossas ideias, como se estas pudessem ser separadas de nossa materialidade.

Em relação ao recorte escolhido, de tratar do corpo e das corporalidades desde a perspectiva dos corpos gordos, partimos da necessidade de pensar a questão da gordura para além de uma característica física atribuída a determinadas formas corporais, mas como espaço de problematização de uma série de elementos que estão em cena no sistema capitalista, que vinculam questões estéticas a juízos morais. Nesta perspectiva, na contemporaneidade o ser gordo transcende a questão do peso corporal do sujeito. De acordo com Laura Contrera (2016), tal adjetivação implica encarnar uma série de outros elementos tomados como negativos: ser gordo significa também ser feio, indesejável, pouco ou nada saudável, frouxo, lento, entre outros adjetivos que poderíamos associar aqui.

Os efeitos dessas classificações e adjetivações se relacionam à ideia de que existiria um corpo representativo de um padrão de normalidade, o qual deveria ser alcançado ou almejado por todos os sujeitos. Tal modelo, diga-se de passagem, vai se referir, na sociedade ocidental fortemente pautada numa perspectiva colonialista e eurocentrada, ao Homem como medida de todas as coisas – e este homem aqui compreendido enquanto modelo universal: macho, branco, europeu, belo, magro, de inteligência normal (BRAIDOTTI, 2015). Modelo este que, como efeito, acaba por deixar de fora uma série de pessoas marcadas enquanto “outras”, que escapam dessa imagem clássica, e, por conseguinte, ficam circunscritas a uma invisibilidade inumana.

No caso dos corpos gordos, tais invisibilidades se apresentam numa lógica contraditória nas quais aqueles marcados por tal classificação e adjetivação, por excederem o visível permitido, tornam-se sujeitos invisíveis (CUELLO, 2016). Invisíveis em suas possibilidades de amar, sentir prazer, de serem belos, de transitar livremente, de praticar esportes, de serem considerados corpos saudáveis. Para esses sujeitos, a característica que se mostra visível e passível de crítica, por sua vez, é a denominação de gorda ou gordo, tomada pejorativamente.

O corpo gordo, nesta lógica, torna-se socialmente odiado e esteticamente monstruoso (CUELLO, 2016), sendo a gordofobia alimentada pela proliferação ininterrupta de imagens que cristalizam noções estigmatizantes de corpos gordos (Figuras 1 e 2). São comuns, por exemplo, imagens vinculadas a empresas da dieta e do emagrecimento em revistas, programas de televisão, *websites*, que apresentam corpos gordos em contraponto a corpos magros, nas lógicas de antes e depois, sendo o “depois” o corpo magro alcançado e almejado em detrimento ao corpo gordo que deve ser combatido e corrigido. Observa-se também a vinculação de pessoas gordas a hábitos alimentares considerados inadequados e estilos de vida sedentários, de forma descontextualizada, naturalizada e totalizante, reduzindo a experiência de ter um corpo gordo à doença, infelicidade, aversão, preguiça e disfunções alimentares.

Figura 1 – Memes mulheres gordas



Fonte: <https://www.wattpad.com/436009200-memes-da-lunny-conclu%C3%ADdo-reclama-que-est%C3%A1-gorda>; <http://www.criarmeme.com.br/meme/56368>. Acesso em: 01/10/2022

A esse respeito, Paula Sibilía (2004) vai afirmar que há, na contemporaneidade, uma série de práticas bioascéticas (regimes alimentares, cirurgias plásticas, exercícios físicos praticados desmesuradamente, por exemplo), sendo intensamente consumidas em busca de uma vida *fitness*, voltada à essa adequação dos corpos a certos ideais.

Figura 2 – Corpos estigma



Fonte: <https://abeso.org.br/obesidade-se-previne-com-dieta/> Acesso em 05/09/2022

Tal fato nos atesta que o horror à gordura e, por consequência, a gordofobia, afeta não somente as pessoas consideradas gordas, mas torna-se uma lógica que permeia e assombra grande parte dos sujeitos, podendo ser tomada como uma complexa matriz de opressão (CUELLO, 2016), cujos efeitos se manifestam em práticas de exclusão de pessoas gordas do convívio social, no desenvolvimento de transtornos alimentares e de imagem como a anorexia e a bulimia, além de outras formas de despotencialização dos corpos, como no desenvolvimento de quadros depressivos e de ideação suicida, e até mesmo a morte².

Desta forma, pensar as possibilidades e potências desses corpos desde a perspectiva das experimentações artísticas torna-se estratégia ético-política na construção de outras possibilidades de vivência das corporalidades, nas quais as diferenças sejam passíveis de existência e experimentação. Torna-se estratégia de produção de outras narrativas, a partir da possibilidade de contar histórias de corpos que não se encaixam nas normas, tomando-os como corpos possíveis, corpos potentes, desafiando regimes de visibilidades e visualidades que produzem lógicas de normalidade e de exclusão. Torna-se, ainda, possibilidade de produção de outros enquadramentos epistemológicos (BUTLER, 2015) que desloquem os enquadres patologizantes que marcam e perseguem os corpos gordos desde diversos olhares que poderíamos classificar como hegemônicos.

O trabalho pioneiro de Fernanda Magalhães, desde *A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia*, à performance *Grassa Crua*, e o trabalho de Camila Fontenele, como *Eu, Baleia* e *Camuflagem para descansos*, nos apontam caminhos

² Em fevereiro de 2022, por exemplo, uma mulher brasileira morreu em decorrência de uso de cápsulas emagrecedoras, que ocasionaram um quadro grave de hepatite (RODRIGUES, 2022).

possíveis desde um deslocamento do olhar classificatório e estigmatizante frente às corporalidades gordas. Apostando na dimensão artística como campo de enfrentamento, e de ressignificação, nestes trabalhos se enunciam outras visibilidades, deslocamentos do olhar sobre o corpo em sua potência de diferenciação.

Neste sentido, apostamos no campo das práticas artísticas como espaço possível de ampliação das possibilidades de invenção de novos territórios existenciais, frente às lógicas hegemônicas, e às organizações imperialistas e institucionalizadas das corporalidades e subjetividades.

Portanto, este trabalho assume a tarefa de buscar relacionar corpo, arte e processos de subjetivação, com o intuito de, alinhavando tais discussões, contribuir com a produção de saberes e estudos gordos, ao trazer como elemento problematizador dessa costura teórico-metodológica a relação do trabalho artístico de Fernanda Magalhaes e Camila Fontenele, mulheres gordas artistas, com a produção de outras possibilidades para estar no mundo.

O trabalho está dividido em seções ou capítulos, que apresentam, desde lugares distintos que compõem essa tese, o Corpo como conceito central e articulador. Ao longo dos capítulos, trabalhamos algumas costuras entre as conversas realizadas com as artistas, articuladas a partir de três linhas analíticas, referentes à relação entre arte, corpos gordos e processos de subjetivação, que podem auxiliar na intencionalidade de criação de outras sensibilidades frente a certo modo de organização da vida e dos afetos.

Os capítulos são compostos por discussões teóricas alinhavadas com intervenções que chamarei de epistêmico-poéticas, de minha autoria, destacadas em itálico, bem como trechos das conversas realizadas com as artistas e algumas de suas obras na intenção de explorar outras maneiras de dizer e fazer ciência que nos interessam desde uma política-estética da escrita neste trabalho, assumindo certo lugar de artesanaria, de uma artista cientista que aposta na perspectiva de que a história dessa tese se constrói a partir de muitas composições e conversas: com a imagem, com a poesia, com a teoria científica.

As intervenções epistêmico-poéticas se materializam em poemas, fluxos de pensamentos traduzidos em palavras, perguntas que irrompem o processo de escrita, construídas ao longo do processo de pesquisa, fortemente marcadas pela experiência de Doutorado Sanduíche realizado no período entre novembro de 2021 e abril de 2022

na cidade de Barcelona- Espanha na *Universitat Autònoma de Barcelona*, e articuladas desde uma escolha, neste trabalho, de pensar as políticas de escrita, suas estéticas, os caminhos outros que podemos apostar na construção de outras composições na produção dos saberes, dando passagem, em letra e palavra, à experiência que atravessa, para que possa ressoar em nós a provocação de quais outros caminhos podemos inventar, seja pela imagem, pelo som, pelo movimento, para transformar a escrita em explosivo semiótico (FLORES, 2014). Escrever pode ser desobedecer, e nos interessa aqui também criar *grietas* de desobediências epistemológicas.

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. (ANZALDÚA, 2000, p.232).

No primeiro capítulo, denominado *Desaprender os códigos*, trazemos a dimensão do corpo em sua articulação com o processo da pesquisa: da perspectiva de que a pesquisa se produz a partir de um corpo marcado e situado num território – geográfico e existencial –, da possibilidade de trazer outras maneiras de produzir ciência. Além disso, neste capítulo apresentamos as artistas que participam deste trabalho e as concepções metodológicas que guiam o processo.

No segundo capítulo, intitulado *Dimensões e atravessamentos histórico-políticos da produção das corporeidades*, buscamos traçar alguns elementos que nos auxiliem como ferramenta para compreender como, na história do Ocidente, o corpo gordo assume o estatuto de abjeção, buscando localizar a dimensão da gordura desde uma perspectiva histórica.

O terceiro capítulo, *Perder o medo de pesar*, é composto exclusivamente por imagens escolhidas, de Fernanda Magalhães, Camila Fontenele e outras mulheres artistas, por meio das quais produzimos uma narrativa. Nele, buscamos intensificar a noção de que as imagens que compõem esse trabalho contam histórias. As histórias das obras de Fernanda e Camila, as histórias que costuram meu corpo de pesquisadora, histórias de encontros, referências artísticas, conexões. Imagens escolhidas a partir das afetações que me causaram, de suas relações com as

conversas realizadas com as artistas, escolhidas também pelas próprias artistas para compor este trabalho. Imagens que contam histórias, imagens que não ocupam um lugar de ilustração ou representação, mas que são discurso, linguagem. Dessa maneira, aparecem, não somente neste capítulo, mas também ao longo de todo o trabalho, vinculadas a alguma discussão proposta, ora dialogando com as conversas e também em diálogo com intervenções epistêmico-poéticas.

O quarto capítulo, denominado *Viver como quem transborda: costuras entre arte e vida* buscamos mapear as relações possíveis entre processos de produção artística e a produção de modos de subjetivação, interrogando o que acontece, em termos de produção de modos de vida, e de uma estética da existência, quando abordamos o campo artístico como terreno, componente, estrato, linha que pode vir a compor modos de viver.

Sonhar com um mundo que não encolha: uma tese pode ser vida em expansão?

No ano de 2020, eu quebrei. Me sentia fragmentada, desterritorializada, assustada, assombrada. Diagnóstico: quadro ansioso grave relacionado ao ambiente de trabalho. Tinha medo de nunca mais voltar a ser inteira. Alguma coisa ali nunca mais voltaria a ser a mesma. De dentro do caos, um insight. É no corpo que a gente vive tudo: a alegria, a dor, o medo, a ansiedade. Como me colar de volta? No encontro com a terra, cuidando de um jardim, me deparo com uma grande placa de cimento matando a grama. Resolvo tirar, para ver se a grama teria chance de nascer outra vez. Levanto a placa de cimento, e me deparo com um mundo acontecendo: minhocas, tatu bolas, formigas e outros insetos ali vivendo, construindo um mundo, um submundo, escondido. Um pedaço em mim colou outra vez: existe vida, mesmo onde parece que nada poderia sobreviver.

Kinstugi,

colamos nossas partes com ouro, não para apagar as marcas, mas para que elas, enriquecidas, evidenciadas, nos tornem paisagens únicas.

A construção do pensamento científico é um campo de batalha. Comparecem diversos modos de fazer ciência, que não necessariamente compartilham o mesmo espaço, ou convivem pacificamente. Pesquisar é política.

Iniciar as considerações finais desta tese com essa afirmação diz da necessidade de situar as condições sob as quais ela foi construída. Ataques à ciência, Coronavírus, isolamento, medo de morrer. Contexto político brasileiro, eleições presidenciais, meu corpo, junto a tantos outros, em risco.

Pesquisar é política. E quando, ademais desse contexto sufocante, escolho seguir construindo essa pesquisa, complemento: pesquisar é política de afirmação da vida.

E o que isso tem a ver com as questões abordadas ao longo desse texto registro de pesquisa? Ao longo deste trabalho, buscamos aproximar discussões

oriundas do campo da psicologia social (se é que caberia essa adjetivação) ao campo das artes, mais especificamente, à produção artística de mulheres gordas. Buscamos ainda, contribuir com as discussões referentes ao tensionamento dos enunciados que se vinculam aos corpos gordos e à gordura em nossos tempos, problematizando os lugares aos quais são circunscritas as pessoas gordas. Neste sentido, ao buscar compreender como o corpo comparece de maneira central na vida sendo vivida e, como historicamente vai se construindo esse lugar discursivo, defendemos a noção de que este lugar não é natural ou rígido, porém construído.

Se construído, poderia ser ultrapassado em nome de outros lugares? Como ultrapassar, se as lógicas são tão estabelecidas e fortes que nos capturam todo o tempo, mesmo quando nos propomos a estudar, escrever, mergulhar nas discussões propostas para pensar os rompimentos possíveis?

Ao longo dessa construção, algumas noções me povoaram, e seguem latentes: a ideia de afirmar uma botânica dos corpos, a aposta em reflorestamento frente às monoculturas subjetivas, a necessidade de tomar o corpo gordo como espaço de afirmação.

Como vimos, a gordura vai se construindo ao longo da história como sinal de perigo, risco, imoralidade. Ocupamos espaço demais, comemos demais, somos desenfreadas, preguiçosas, doentes. Enunciados que encerram, encarceram e produzem efeitos que ultrapassam as fronteiras do corpo individual. A gordura é perigosa e, como contraponto, se estabelece a magreza como norma, regra e ideal. Como efeito, se estabelecem lógicas de homogeneização da vida, que submetem corpos que divergem a uma série de práticas e técnicas que objetivam a manutenção de certa monocultura dos corpos.

Frente às monoculturas da vida, inventar subjetividades florestas, afirmamos ao longo desse texto. Florestas são compostas por diversidades, vegetais e de outras espécies, que coabitam um espaço, não necessariamente de forma pacífica, no entanto, de maneira complementar. Monoculturas cultivam espécies únicas, e são mantidas a partir de estratégias que aniquilam o que oferece risco à sua manutenção: animais e vegetais diversos.

Florestas ocupam espaço, são perigosas, ocultam segredos, confundem os incautos.

Inventar subjetividades florestas em nome de que? Afirmar a diferença como constitutiva da vida. Apostar nas possibilidades de coabitar, de viver junto.

Um corpo se faz a partir dos encontros, não está dado de antemão. Nesse sentido, não há conformação corporal que diga, *a priori*, de um corpo. O que pode dizer desse corpo são os afetos que o povoam, que o compõem. Dessa maneira, afirmar a diferença é poder abrir caminho para ultrapassar as maneiras de olhar pelas quais os corpos gordos são vistos. Neste sentido, a aposta na arte como caminho possível.

Ao longo da construção desse trabalho, o encontro com a arte produzida por Fernanda Magalhães e Camila Fontenele foi parte constitutiva do encontro teórico-metodológico proposto, parte constitutiva dessa construção que não se esgota ao final deste texto escrito.

Dizemos encontro com a arte intencionalmente, tendo em vista que a escolha de compor com Fernanda Magalhães e Camila Fontenele partiu, precisamente, de um encontro-acontecimento, como enunciado neste texto-tese. Encontro-acontecimento com suas obras, que, de alguma maneira, buscamos trazer para o texto, conversar, visibilizar, e que seguem ecoando, produzindo efeitos e novas sensações a cada mirada.

Encontro com essas mulheres artistas, que comparecem neste texto com imagens que fazem parte de suas obras e com os excertos das conversas realizadas, e que, cada qual a sua maneira, enfrentam o desafio de ultrapassar as fronteiras, afirmar a dissidência como possibilidade de produzir espaços de insurgência e afirmar a vida, a diferença, como prerrogativa inegociável.

Encontro com essas mulheres amigas, cujos laços se estreitaram ou se produziram ao longo desses anos de partilhas cúmplices, de conversas institucionais, cafés, comidas e conversas virtuais.

Encontro com outras possibilidades de relação sujeito-objeto, pesquisadora-pesquisadas, outras maneiras de tensionar a ficção da neutralidade científica. Estamos, até os ossos, implicadas com o problema que nos é imposto, e que nos impele a interrogar, a ponto de investir numa trajetória acadêmico-científica.

E é justamente desde a perspectiva do encontro, aqui anunciado, que defendemos também que uma tese, ao fim, pode ser vida em expansão, quando ao postular conceitos, articular teorias, construir saberes localizados, também permite dizer que há caminhos outros a percorrer e relações a se explorar.

Destes, indicamos a dimensão da relação dos Estudos Gordos e os feminismos, que, embora aqui anunciadas, demandam ainda maiores articulações e

estudos, com vistas a ampliar o debate e contribuir com os estudos que vêm sendo produzidos. Também a dimensão da relação entre a colonialidade e seus efeitos sobre as corporalidades, seja nas produções de corpos normativos desde lógicas eurocentradas, seja nas produções de resistência que se produzem em nossos territórios.

Por fim, as aproximações entre psicologia e o campo artístico, na aposta desta aproximação enquanto possibilidade de criar outros territórios clínico-políticos, apoiados muito mais nas perspectivas de experimentação que nas lógicas classificatórias e normatizadoras. Ainda que tenhamos atualmente uma maior relação entre esses campos, afirmamos, ao fim dessa tese, que ainda há muito a garimpar e aprender, desde a arte, na produção de clínicas intensivas e de experimentação.

Permanece um desejo, de investir na possibilidade desta aproximação e criação, em nome da produção de outros mundos possíveis para o agora, nos quais a diferença possa ser afirmada em sua potência vital. Afirmar a diferença nos modos de fazer ciência, nas possibilidades de produzir resistência, nas constituições dos corpos. Me parece que, por fim, esta é a questão que move este trabalho: afirmar a diferença, coabitar.

Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- AMADOR, Fernanda e FONSECA, Tania M. G. Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa - considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Vol. 61, n 1; 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v61n1/v61n1a04.pdf> >
- ANZALDÚA, Gloria. “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, jan. 2000.
- BARDET, Marie. *Pensar con mover. Un encuentro entre danza y filosofía*, Buenos Aires, Cactus, 2012.
- BORGES, Hélia. M. O. C. Os agenciamentos sutis do corpo performático. In: *Instituto Festiva de Dança de Joinville. (Org.). E por falar em...CORPO PERFORMÁTICO. fazeres e dizeres da dança*. 1 ed., Joinville: nova letra, 2013. Disponível em: <https://festivaldedancadejoinville.com.br/wp-content/uploads/2022/06/VI-Seminarios-de-Danca-E-por-falar-em...CORPO-PERFORMATICO.pdf> . Acesso em: 23/07/2023.
- BRAIDOTTI, Rosi. *Lo posthumano*. Barcelona: Gedisa, 2013.
- BRETON, David Le. *Sociologia do Corpo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CASTILLO, Constanx Alvarez. “*La cerda punk. Ensayos desde un feminismo gordo, lesbiko, antikapitalista & antiespecista*”. Valparaiso, Chile: Trío editorial, 2014.
- CAVALCANTE, Diego F. M. Pensar Com a Arte: Por uma estética da sensação em Deleuze E Guattari. *PROMETEUS*, n. 40, 2022. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/17447/13315#:~:text=2.,%2C%20literatura%2C%20m%C3%BAsica%20e%20cinema>. Acesso em: 20/07/2023.
- CONTRERA, Laura. Cuerpos sin patrones, carne indisciplinada: apuntes para una revuelta gorda contra la policía de la normalidade corporal. In: CONTRERA, Laura; CUELLO, Nicolas (orgs). *Cuerpos Sin patrones: resistencias desde las geografías desmesuradas de la carne*. Madreselva: Ciudad Autonoma de Buenos Aires, 2016.
- CONTRERA, Laura; CUELLO, Nicolas (orgs). *Cuerpos Sin patrones: resistências desde las geografías desmesuradas de la carne*. Madreselva: Ciudad Autonoma de Buenos Aires, 2016.
- CROTTA, Cintia. Las dietas: dispositivos tecnológicos para el disciplinamiento de los cuerpos. *Inclusive* - La revista del INADI, n.º 4 Año 2, 2021. Disponível em <https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/2022/03/inadi-revista-inclusive-n4.pdf>

CUELLO, Nicolas. ¿Podemos lxs gordxs hablar? Activismo, imaginación y resistencia desde las geografías desmesuradas de la carne. In: CONTRERA, L; CUELLO, N (orgs). *Cuerpos Sin patrones: resistências desde las geografías desmesuradas de la carne*. Madreselva: Ciudad Autonoma de Buenos Aires, 2016.

DAMISCH, Hubert. *Verbetes Artes*. Enciclopedia Einaudi. Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1984.

DELEUZE, Gilles. O que as crianças dizem. In: *Crítica e clínica*. São Paulo: ed 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa – filosofia prática*. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Editora Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, GILLES, GUATTARI, FELIX. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIAZ, S. eXcrituras corporantes – Cuerpxs, subjetividades antropofágicas y performances decoloniales. *ECOS*, Volume 7, Número 2, 2017. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2608>. Acesso em 22/09/2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Inquietar-se diante de cada imagem. Entrevista realizada por Mathieu Potte-Bonneville & Pierre Zaoui, *Vacarme*, nº37. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko, 2006. Disponível em: <http://www.vacarme.org/article1210.html> . Acesso em 23/10/2022.

FISCHLER, Claude. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, Denise. B. (org.). *Políticas do Corpo: Elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 69-80.

FLORES, val. Prólogo. In: Castillo, Constanzx. *La cerda punk: ensayos desde un feminismo gordo, lésbiko, anticapitalista y antiespecista*. Valparaíso: Trio Editorial. 2014.

FORTH, Christopher. E.; AIRES, A. Sentidos do corpo gordo e da gordura na cultura material: “além do visual, além do humano, e até mesmo além dos corpos”. *dObras* – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], n. 33, p. 207–218, 2021. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1438>. Acesso em: 24 ago. 2022.

FOUCAULT, Michel. *A Verdade e as Formas Jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2003.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução por Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, v. 4, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976); tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. M.T. C. Albuquerque e J. A G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, Graal, 2006.

GALINDO, Dolores; MILIOLI, Danielle. Pesquisar-Dançar com animais. In: FERREIRA, Marcelo Santana e MORAES, Marcia. *Políticas de Pesquisa em Psicologia Social* (137-164). Rio de Janeiro: Ed. Nova Aliança. 2016.

GORJON, Melina., MEZZARI, Danielly. C. S., BASOLI, Laura. P. (2019). Ensayando lugares de escucha: diálogos entre la psicología y el concepto de lugar de habla. *Quaderns de Psicologia*, 21(1), 1-11. Disponível em: <https://quadernsdepsicologia.cat/article/view/v21-n1-gorjon-mezzari-basoli/1455-pdf-pt>. Acesso em: 12/06/2023.

GROSFOGUEL, Ramón. "Del «extractivismo económico» al «extractivismo epistémico» y «extractivismo ontológico»: una forma destructiva de conocer, ser y estar en el mundo." *Tabula Rasa*, no. 24, 2016, pp.123-143. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=39646776006> .Acesso em 16/12/2022.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5), Campinas-SP, , 1995, pp.7-41. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>. Acesso em 18/06/2019.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *Revista Estudos Feministas*, 7(1),7-33. 1993. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15984>. Acesso em 10/10/2022.

HOFF, Tânia; LUCAS, Luciane, Formas Sutis de Dominação Hierarquizada: corpo e feminização da pobreza, *ESPM- BRASIL*, n°17, 2008, p.133-154. Disponível em: <https://scielo.pt/pdf/aeq/n17/n17a09.pdf> . Acesso em 10/02/2020.

IONEZAWA, Fernando Hirome. Três pedacinhos de corpos em Deleuze: ética, potência e transformação. *Revista Margens Interdisciplinar*, [S.l.], v. 6, n. 7, p. 155-170, maio 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2818>>. Acesso em: 22 /09/2018.

JONES, Amelia. Estudio. In: WARR, Tracey. *El cuerpo del artista*. AbeBooks Seller Since: Phaidon, 2006.

LIMA, Juliana Meirelles. *Posicionamentos de adolescentes sobre enunciados de conformação corporal que circulam no Instagram*. 2020. 238 f. Tese (Doutorado em Psicologia: Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

MAGALHÃES, Fernanda. Experiências efêmeras de encontros compartilhados: entre performances e a vida. *Rascunhos Uberlândia* v.4 n.1 p.04-34 jan./jun.2017. Disponível em <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:H1UoOilo6TwJ:www.seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/download/36888/19922+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em 22/09/2018.

MAGALHÃES, Fernanda. "Sobre 'A Natureza da Vida'". eRevista *Performatus*, Inhumas, ano 5, n. 18, jul. 2017. ISSN: 2316-8102. Disponível em: <https://performatus.com.br/dos-cadernos/a-natureza-da-vida/>. Acesso em 24/06/2023.

MAGALHÃES, Fernanda. A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia. *Ensaios- Mulheres Luz*, 2021. Disponível em: <https://www.mulheresluz.com.br/ensaios/a-representacao-da-mulher-gorda-nua-na-fotografia/#galeria>. Acesso em: 19/06/2023.

MANCUSO, Bethania Longhi; et al. Diversidad corporal, pesocentrismo y discriminación: la gordofobia como fenómeno discriminatorio. *Inclusive - La revista del INADI*, n.º 4 Año 2, 2021. Disponível em <https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/2022/03/inadi-revista-inclusive-n4.pdf> . Acesso em 20/02/2022.

MASSON, Lucrecia. El cuerpo como espacio de dissidência. In: CONTRERA, L; CUELLO, N (orgs). *Cuerpos Sin patrones: resistências desde las geografías desmesuradas de la carne*. Madreselva: Ciudad Autonoma de Buenos Aires, 2016.

MASSON, Lucrecia. Epistemología rumiante, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3Cywmt3> . Acesso em 23/07/2023.

MASSON, Lucrecia. Prolegómenos a la discusión cuerpo/descolonización + Dos imagen/escena textuales. *Contribución para el libro artesanal Cuerpos Límitrofes*. València: Kikuyo. Noviembre 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/80267300/Proleg%C3%B3menos_a_la_discusi%C3%B3n_cuerpo_descolonizaci%C3%B3n_Dos_imagen_escena_textuales . Acesso em: 20/07/2023.

MATESCO, Viviane. Corpo desdobrado In: *Artes visuais (Ensaios brasileiros contemporâneos)* Org. COCCHIARALE, Fernando; SEVERI, André; PANITZ, Marília. FUNARTE, 2017.

MAYAYO, Patricia. *Historias de mujeres, historias del arte*. Madrid: Ediciones Cátedra. 2003.

MONTALBETTI, Cynthia J. L. Cuerpas Gordas de Abya Yala. *Epistemologias do Sul*, v. 6, n. 1, p. 52-79, 2022. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/3941/3286>. Acesso em 15/01/2023.

MONTEIRO, Marko. Corpos, Representação, Políticas. In: VILLA, Danilo (org.) *Arte Londrina 7*. Londrina: UEL, 2019.

MORENO, Lux. ¿A qué edad fue tu primera dieta? In: In: CONTRERA, L; CUELLO, N (orgs). *Cuerpos Sin patronos: resistências desde las geografías desmesuradas de la carne*. Madreselva: Ciudad Autonoma de Buenos Aires, 2016.

NALLI, Marcos. A imanência normativa da vida (e da morte) na análise foucaultiana da biopolítica: uma resposta a Roberto Esposito. *O Que nos Faz Pensar (PUCRJ)*, v. 31, p. 149-174, 2012.

NOCHLIN, Linda. *Por que não houve grandes mulheres artistas?* Tradução de Juliana Vacaro. São Paulo: Edições Aurora, 2016.

PAIM, Marina Bastos. “Os corpos gordos merecem ser vividos”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 1, e56453, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n156453>

PARPINELLI, S. Roberta. *A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismo e produção de subjetividade*. 2015. 276 f. Tese (Doutorado em Psicologia). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis-SP, 2015.

PASSOS, Eduardo e KASTRUP, Virgínia. Sobre a validação da pesquisa cartográfica: acesso à experiência, consistência e produção de efeitos. *Fractal*, Rev. Psicol., v. 25, n. 2, p. 391-414, Maio/Ago. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/9w77837Qthmp4bGsDgpgvSG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12/10/2021.

PELBART, Peter. Pal. *Vida e morte em contexto de dominação biopolítica*, 2008. Acesso em 08/04/2018, disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/pelbartdominacaobiopolitica.pdf>. Acesso em: 23/07/2023.

PIÑEYRO, Magdalena. *10 gritos contra la gordofobia*. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, 2019.

PIVETA, Ruth. T.: *O Fazer como potência: analisando a atuação do profissional de psicologia no Sistema Único de Assistência Social (SUAS)*. 2013. Monografia (Pósgraduação lato sensu Especialização em Psicologia Organizacional e do Trabalho) – Universidade Estadual de Londrina.

PRADO FILHO, Kleber; TRISOTTO, Sabrina O corpo problematizado de uma perspectiva histórico-política. *Psicologia em Estudo*, vol. 13, núm. 1, enero-marzo, 2008, pp. 115-121 Universidade Estadual de Maringá Maringá, Brasil.

REIS, Paulo R. O. O(s) corpo(s). In: MAGALHAES, Fernanda. *Corpo Re-Construção Ação Ritual Performance*. Travessa dos Editores: Curitiba, 2010.

RODRIGUES, Henrique. *Morre mulher que tomou “pílula emagrecedora”*; *Veja a composição do produto*, 04/02/2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2022/2/4/morre-mulher-que-tomou-pilula-emagrecedora-veja-composio-do-produto-109681.html>. Acesso em 20/07/2022.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, v.1 n.2: 241-251. São Paulo, set./fev. 1993. Disponível em: http://www.pucsp.br/nucleo_de_subjetividade/Textos/SUELY/pensamento_corpo_devir.pdf. Acesso em: 06/06/2019.

ROLNIK, Suely. *Ninguém é Deleuziano*. Entrevista concedida ao jornal O Povo, Caderno Sábado: 06. Fortaleza, 18/11/95. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/ninguem.pdf>. Acesso em: 24/06/2019.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

ROLNIK, Suely. “O ocaso da vítima para além da cafetinagem da criação e de sua separação da resistência.” in: LINS, D. & PELBART, P. P. (Orgs.). *Nietzsche e Deleuze: bárbaros civilizados*. São Paulo: Annablume, 2004.

ROLNIK, Suely. *Entrevista Completa - Narciso no Espelho do Século XXI*. Vídeo do YouTube. Brasil, 27 de maio de 2017. Disponível https://www.youtube.com/watch?v=GjsRiQB_5DY&t=157s. Min. 22. Visualizado em 24 de agosto de 2022.

ROLNIK, Suely. *Despachos no Museu: sabe-se lá o que vai acontecer...* Conferência apresentada em The Deleuzian Age, Californian College of Arts and Crafts (São Francisco, 2000) e em It is Happening Elsewhere: Indiscipline, “Bruxelles/Brussels 2000, European City of Culture of year 2000” (Bruxelas, 2000). Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Despachos.pdf>. Acesso em: 09/06/2023.

ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROLNIK, Suely. Lygia Clark e o híbrido arte/clínica. *Concinnitas*, ano 16, vol 01, n. 26, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/20104/14402>. Acesso em: 20/06/2023.

ROLNIK, Suely. *Antropofagia Zumbi*. São Paulo: n-1 edições, 2021.

REIS, Paulo. R. O. O(s) corpo(s). In: MAGALHAES, Fernanda. *Corpo Re-Construção Ação Ritual Performance*. Travessa dos Editores: Curitiba, 2010.

ROYO, Victoria Pérez. Sobre a Pesquisa nas Artes: um discurso amoroso. *Rev. Bras. Estud. Presença*, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 533-558, set./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbep/a/XHhfK4nqZVHCQNqZdvYyhml/?lang=en> . Acesso em: 12/01/2023.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Cuidados de Si e Embelezamento Feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil*. IN: Sant'anna, D. B. (Org.). *Política do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SIBILIA, P. O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 25, p. 68-84, dez. 2004. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3286/2544> . Acesso em: 22/09/2018.

SIMIC, Zora. Fat as a Feminist Issue: A History. In: WALTERS, Caroline; HESTER, Helen; JONES, Meredith. *Fat Sex: New Directions in Theory and Activism* Ashgate Publishing Ltd, Farnham, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/14837300/Fat_as_a_Feminist_Issue_A_History Acesso em 09/06/2023.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Tradução de Lívio Xavier. Editora Atena: São Paulo, 1960.

STRINGS, Sabrina. *Fearing the Black Body: The Racial Origins of Fat Phobia*. New York: New York University Press, 2019.

TARRES, J.P.; MARTÍNEZ, M.; MANSANO, S.R.V. Corpos doces: novos contornos. In: NALLI, M.; MANSANO, S.R.V. *Michel Foucault: desdobramentos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

TVARDOVSKAS, Luana Saturnino. *Figurações feministas na arte contemporânea: Márcia X, Fernanda Magalhães e Rosangela Rennó*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, 2008.

VIGARELLO, Georges. O corpo inscrito na história: imagens de um "arquivo vivo". *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, v. 21, p.225-236, nov. 2000. Entrevista concedida à: Denise Bernuzzi Sant'Anna. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/20219/15945>. Acesso em: 20/09/2018.

VIGARELLO, Georges. *As metamorfoses do gordo: história da obesidade no Ocidente; da Idade Média ao século XX*. Tradução Marcus Penchel. Petrópolis: Vozes, 2012.

VIGARELLO, GEORGES. Entrenarse. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *Historia del Cuerpo 3 – Las mutaciones de la mirada en el siglo XX*. Santillana Ediciones Generales: Taurus historia, 2006.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ZAPATA, Laura; GENOVESI, Mariela. Jeanne Favret- Saada: “Ser Afectado” Como Medio de Conocimiento en el Trabajo de Campo Antropológico. *Avá. Revista de Antropología*, núm. 23, 2013, pp. 49-67 Universidad Nacional de Misiones Misiones, Argentina.

ZAYAT, Demian. Dictámenes de la Dirección de Asistencia a la Víctima: discriminación en el proceso de selección laboral contra una persona gorda. *Inclusive* - La revista del INADI, n.º 4 Año 2, 2021. Disponible em <https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/2022/03/inadi-revista-inclusive-n4.pdf>.